

O trabalho no limite do analisável: destrutividade e enquadre interno no analista¹

Daniel Delouya²

Resumo

O trabalho situa a contribuição de André Green para a clínica das configurações e situações no limite do analisável dentro da tradição psicanalítica de Freud a Klein, Winnicott, Bion e Lacan. Para tanto, e em homenagem a ele, delineia um percurso que lança mão de conceitos consagrados pelo autor, como o duplo limite, a loucura pessoal, a estrutura enquadrante, o negativo etc., além de uma ilustração clínica.

Palavras chave: estrutura enquadrante; duplo limite; capacidade negativa; interiorização.

André Green considerou que sua contribuição ao campo freudiano consiste em ter encontrado diretrizes para o trabalho com pacientes no limite do analisável. O que implica, segundo ele, maior exploração da metapsicologia (Green, 2000).

Quando, em certas terapias, o enquadre parece não funcionar, ou comprometido em seu efeito, estamos diante do limite do analisável. Não se trata aqui apenas da interrupção do processo analítico, quando este se emperra ou se estanca – algo que ocorre com frequência, e variada, ao longo de qualquer terapia analítica. Trata-se, sim, de um impasse estrutural. Para compreendê-lo é preciso ressaltar a função do enquadre na análise, e por que, como e quando ela fracassa.

O enquadre propõe um arranjo que coloca em evidência *a força* que é, em última análise, a da pulsão. Assim, o enquadre se torna um campo de forças, que põe em relevo a força da transferência e de seu ímpeto de transportar algo da história do sujeito para o uso presente, no terreno da percepção e da experiência; onde estas, ao exemplo de restos diurnos, impõem o trabalho psíquico, e ampliam, com isso, o repertório psíquico do sujeito. Como ser semelhante (*nebenmensch*, Freud, 1895/1995), o analista, vigia e guardião do enquadre, oferece-se de apoio ao recuo, no paciente, ao seu acervo “interior”. Isso se efetua pelo transporte, através da e pela dupla e concomitante transferência, sobre a fala e sobre os objetos, convocando à cena “representações investidas de afeto” (Freud, 1915/1991a), consolidando e alargando, assim, a inserção do sujeito no regime terceiro, da terceiridade (Green, 2010).

1 Intervenção no evento “Homenagem a André Green” em 26/5/2012 na SBPSP em uma mesa dedicada ao tema com título acima junto aos colegas A. M. Azevedo (SBPSP) e F. Urribarri (APA).

2 Membro efetivo e analista didata da SBPSP.

No entanto, tal efeito do enquadre só se cumpre na condição de esboçar-se no paciente certa dissimetria – por mínima que fosse – que é tributária de um duplo limite (Green, 1990), traçando as fronteiras entre o eu e o outro e, de outro, com o próprio inconsciente. Esta dupla e entrelaçada polarização condiciona, no sujeito, a operação da negativa. A negativa é a mola do trabalho psíquico, onde o outro, nesse caso o analista, serve de tela para que o paciente possa voltar-se à própria reserva inconsciente para projetá-la no espaço ofertado pela análise de modo a colocar em jogo os seus roteiros e suas personagens. O enquadre autorizaria, por assim dizer, a manifestação e o trabalho da “loucura pessoal” (Green, 1990).

Como campo de forças, o efeito benéfico do enquadre fracassa ou se anula em configurações onde tais forças acabam se extraviando: na psicose, pela via da alucinação e vivências de despedaçamento; na psicossomática pela somatização; na psicopatia, pelo agir e pelas passagens ao ato (Green, 2000).

Entretanto, existem situações e casos menos definidos enquanto casos clínicos, onde o enquadre perde o seu efeito ou não se instaura devido aos atentados à constituição da capacidade negativa (Bion); essa que deveria fazer com que o paciente esquecesse, ou colocasse entre parênteses, a presença do analista, para voltar a se impor um trabalho de algo já existente nele, interno e internalizado. Na obstrução dessa capacidade – de livre associação –, assiste-se a uma *patologia do encontro* (Green, 2000). O paciente não se entrega ao recuo que o enquadre propicia, mas se aferra à atualidade do encontro, já que a visada da regressão ameaça as fundações do eu e por isso atropela o trabalho da transferência. O que se coloca, então, em questão, não é a volta e a retomada de uma suposta matéria internalizada, mas a própria possibilidade de constituir o interno, de internalizar algo. Eis o limite nessas terapias. Nelas, a interpretação, o sentido, é insuficiente, já que, muitas vezes, é o ato que se faz necessário para assegurar ao paciente de sua existência. O que se torna premente nesses sujeitos é a percepção e o agir, através dos quais eles buscam fazer-se *existir* diante do analista, do outro.

A patologia do encontro pode acarretar uma consequência destrutiva no analista, atingindo a noção da própria dissimetria, isto é, de certa decalagem ou dimensão de profundidade que o colocaria em contato com a vida psíquica – o “interno” – dele e de seu paciente. Dito de outro modo, o analista acaba sendo arrastado para a opacidade do atual, do perceptivo. Somente a existência de um enquadre, nele internalizado, pode devolver-lhe certa eficácia nessa arena onde se perdem de vista os vestígios do trabalho analítico. Pois essa situação de engessamento, algo que na nossa tradição local qualificamos de adesão ao concreto, defronta-nos com a imagem de impenetrabilidade betonada que nos faz suspeitar, em paralelo, da história do paciente, de vivências junto a um objeto, desprovidas de enigmas: sem sombra, com pouca ou nenhuma penumbra de associações (Bion). Espanto-me, vez e outra,

ao imaginar (nas ausências e a partir de ocorrências terceiras – comentário de outro paciente, do porteiro etc.) que o paciente que frequenta nosso consultório há anos (neste caso específico, alcançando o primeiro trimestre da segunda década de terapia) parece apenas ter adentrado a análise. Como se nada ou quase nada tenha se transformado nele, assim como em mim junto a ele.

Tal impressão instantânea é, em grande parte, equivocada, já que lidamos, aqui, com organizações defensivas maciças ante o vislumbre de um recuo. A batalha, no paciente, é, muitas vezes, contra o *apagamento* de sua existência ante o outro semelhante (o analista). A lógica “ou ele ou eu”, de sobrevivência, se impõe e, como alerta Winnicott, é importante não reagir a tal necessidade de alucinação, de merecida onipotência, dando ao paciente a oportunidade de existir, e com isso outorgar-lhe o direito em se afirmar, realizando: “agora sou eu, eu o apaguei: eu existo”. A partir dessa travessia em *destruir* (Winnicott), poderá, ao constatar “eu o destruí e ele sobreviveu”, adentrar outra lógica, onde poderia aceitar “eu e ele”, ou seja, onde começa a se abrir a área terceira, a vida. A sobrevivência se garante, então, para passar a viver agora em um mundo compartilhado. Aqui, o caminho é longo, e o ponto de partida, que parecia nos defrontar com configurações clínicas de arrogância (Bion) e/ou de pseudomaturidade (Meltzer), demanda um tremendo trabalho no analista. Enfim, há ainda sujeitos cuja luta parte de uma lógica ainda mais dramática: “nem você, nem eu”. Um negativismo arraigado em traumas de difícil alcance e trato. Tal desesperança congênita (Winnicott), onde nenhum “sim” resiste ao sempre certo e absoluto “não”, não é de todo desprovida de esperança. O resgate do enquadre na alma do analista pode propiciar a iniciação da trajetória delineada acima até alcançar no paciente o plano de “eu e você”.

Em vários casos, a muralha de sobrevivência só se rompe através de eclosões psicossomáticas esporádicas, outras de pânico etc., cujas ocorrências perigosas induziram o paciente à busca de tratamento e que ameaçam irromper a cada momento em que o elemento inatual, que a análise convoca está prestes a colocar-se em cena. Em outros casos, o vislumbre de uma moção regressiva, psíquica, desperta, além de atuações dentro e fora da análise, reações masoquistas agudas que ameaçam evacuar o esboço inicial de um *insight*. Nota-se, nesses casos, a falência da representação, ou de uma viabilidade de transformação dos delegados psíquicos da pulsão (*psychische-triebrepräsentanz*) – impregnados na desesperada fissura que os compele à ação – em representantes de experiência (*vorstellungstriebrepräsentanz*) ou de representações, tecidas a partir da pulsão, mas já constituídas junto ao objeto (Freud, 1915).

Um jovem é acometido de um acidente cardíaco durante uma viagem a trabalho, quando a esposa encontra-se no final da gravidez da segunda filha do casal. Passado o susto, o médico recomenda a psicoterapia e ele aceita na condição da presença da

esposa. Nas entrevistas é a esposa que fala e ficamos sabendo que, quando ele contava com três anos, sua mãe perdeu um feto menina nos últimos meses de gestação. [Que o soma possa imitar um episódio cardíaco fatal no feto-irmã, talvez seja o nexo possível com o acidente na véspera de nascimento de sua segunda filha.] Ele cresceu como filho único sob o mando rígido e estreito da mãe (talvez porque ela visava, inconscientemente, garantias absolutas de vida ao filho, projetando nele, em face da perda da menina, uma idealizada completeza). Rigidez ao qual a esposa atribui uma revolta enquistada nele, de outrora, que vez e outra salta para fora em forma de acessos de ira. Explosões ocasionais, mas que persistem, pondo o casamento em perigo, porque apavoram a esposa pela transfiguração da pessoa introvertida do marido e de sua costumeira companhia dócil e complacente. Após um ano, a esposa, porta-voz do casal, se retira dos encontros e ele permanece vindo duas vezes por semana. A cena muda de figura: ele fala e só ele. É só ele que pode existir bloqueando – imagino – a reincidência de invasões. Predomina, então, o pensamento operativo, e, ao mesmo tempo, onipotente, de arrogância onipresente e onisciente. Nenhuma possibilidade de interrompê-lo ou dele me ouvir. Assim permanece durante anos, em uma armação betonada por detrás da qual o medo – advindo da ameaça sobre sua posição no trabalho ou em reação às teimosias da filha primogênita –, acaba sofrendo uma reversão: transforma-se em uma maquinação onisciente acerca do conjunto da empresa, e de outro, na busca de princípios rígidos de conduta a impor à filha, reeditando, assim, as de sua mãe da infância. Na terapia, era preciso que eu sobreviva, não reagindo à tamanha avalanche, e que essa só se amansava pelas ameaças de rompimento após as explosões em casa ou no trabalho. Após quase nove anos, ele gera, pela primeira vez, um sonho, e de angústia. Nele, vinha à sessão para encontrar, em seu lugar e horário, um colega de trabalho, que na sessão anterior eu o apontei como pondo em risco uma posição que ele almejava conquistar. Sonho que constitui um marco de mudança que se instala, abrindo um espaço ao vislumbre da área terceira, de “eu e você”. Já se passaram 13 anos, e, de fato, o convívio denota a diminuição considerável da defesa onipotente inicial.

Como delineeí acima, minha compreensão, inspirada em Green e ilustrada pelo fragmento clínico, é a seguinte: no largo escopo de situações e de configurações clínicas, a alucinação da própria presença reflete, afinal, a demanda de existência cujos fundamentos encontram-se na estrutura do narcisismo primário. Falhas variadas nessa investidura enquadrante por parte do objeto primário tornaram o sujeito aderente ao espaço da presença e da atualidade. O trabalho malfeito junto ao objeto impediu, em vários graus, o seu posterior e imprescindível apagamento pela alucinação negativa para constituir o espaço psíquico próprio, cujo ofício é o de investir os objetos internos e externos. A situação na terapia e na vida apela para um enquadramento. Por isso coloca-se toda a relevância de um enquadre internalizado

no analista. A demanda nesses casos é de respaldo, espelhamento, constitutivo de um espaço, e da cultura do mesmo pela denominação, ou seja, o paciente almeja “notícias de si” (Freud, 1895/1995), como subsídios de existência para constituir a estrutura de fundo que lhe permita poder apagar a presença do outro e partir para o sonhar, onde o investimento do outro se faz em duplo concerto: em um vai e vem entre o inconsciente e os objetos lá fora, conforme a fórmula de juízo de existência – “dentro e *também* lá fora” (Freud, 1925/1991e). Eis o estabelecimento de entrelaçamento concomitante do *duplo limite* (“o outro existe na condição de autorizar-me um espaço com pertences de mim mesmo”). Uma presença que, por enquanto, precisa ser alucinada até o momento em que poderá ser apropriada. Eis, aqui, toda a contribuição contemporânea para o que Winnicott denomina de sobrevivência, sobretudo a nossa diante dos processos destrutivos dos quais o próprio paciente tenta defender-se, montando muros, ou melhor, demarcando um território em terreno baldio. O enquadre nos remete, pois, à constituição da função enquadrante de origem da mãe, que Green indica, via Winnicott, Bion e Lacan, já em 1966-1967, no trabalho intitulado *Narcisismo primário: estrutura ou estado?*

Quero ainda me deter sobre mais um ponto e de forma sumária. Entende-se aqui que a destrutividade é oriunda do objeto, de suas incapacidades ou limites. A pulsão de morte se dispõe como condição tanto para a vida como para a morte; é o objeto que vai poder, em certa medida e até certo ponto, vertê-la para cá ou para lá. Isto se realiza pelo investimento que incide sobre o entrelaçar das vias opostas das pulsões, promovendo a potencialidade do masoquismo erógeno em constituir o enquadre, o continente psíquico, e a sua cultura com seus conteúdos. Desde Freud e até Green, passando por Winnicott, Bion e Lacan, constata-se a existência de dois negativos, um constitutivo da vida psíquica, da noção da ausência, e o outro que a desmantela. Green, para defini-los, vai oscilar entre os seguintes pares de oposição: investimento/desinvestimento, ligação/desligamento e objetualização/desobjetualização. O negativo que constitui o psíquico é fruto da obra e de manejo, de empreendimento pelo objeto sobre o negativismo quase “natural e endógeno”, da pulsão de morte na própria vida. Freud afirma que a tendência principal de retração, que rege a pulsão de morte, constitui *o interno*, esse obsecado pelo mítico retorno ao silêncio. São somente os ruídos da vida, *convocados pelos meios externos* (dos quais o objeto faz parte, mas, ao mesmo tempo, é *guardião*), que permitem que frações do interno (do retraimento) sejam utilizadas na estruturação e no tecer psíquicos. Porém, essa transformação é limitada, e não só devido às estritas disponibilidades enquadrantes do objeto.

Os limites existem na própria e crescente demanda cultural, contemporânea, cujas exigências sublimatórias colocam à prova a história do entrelaçamento das pulsões em meio ao trabalho empreendido pelo objeto. A corrosão progressiva

nesse vital entrelaçamento – imposta pela privação cultural de vias de escoamento da agressão – agrava a situação do sujeito e exige colocarmo-nos a postos (Freud, 1923/1991d e 1930/1985). Green, ao chamar atenção para o enquadre internalizado no analista – que segundo ele endossa o testamento de Freud sobre a imperiosidade da contínua análise no analista – nos incita a escutar a agonia desses pacientes. Agonia cuja muda evocação da falha na estrutura enquadrante de outrora nos incentiva a fazer sobreviver e a alargar o exercício e a efetividade analítica junto a configurações cada vez mais críticas e crescentes no cenário contemporâneo.

El trabajo en el límite de analizable: la destructividad y el marco interno en analista

Resumen: El trabajo intenta situar la contribución de André Green para configuraciones y situaciones clínicas nos límites de la analizable, dentro de la tradición psicoanalítica de Freud a Klein, Winnicott, Bion y Lacan. Para ello, y en su honor, esboza una ruta haciendo uso de conceptos que ya están presentes entre nosotros del autor, como el límite doble, la locura pessoal, la estructura enquadrante, el negativo, etc, acompañado de una ilustración clínica. Palabras claves: estructura enquadrante; limite doble; capacidad negativa; interiorización.

The work at the limit of analyzable: destructiveness and inside frame in analyst

Abstract: In this article, Andre Green's contribution to the work on the edge of analyzability is contextualized within the psychoanalytic tradition since Freud and through Klein, Winnicott, Bion and Lacan. For that, and in homage to such an important figure, we use some of his known concepts such as the double-limit, private madness, negativity, detachment and containing structure along with a clinical vignette.

Keywords: containing structure; double-limit; negative capacity; interiorization.

Referências

- Bion, W. R. (1991). *Learning from experience*. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1962)
- Freud, S. (1985). Civilization and its discontents. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 12, pp. 243-340). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S (1991a). The Unconscious. In S. Freud, *Pelican Freud Library* (Vol. 11, pp. 159-222). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1991b). Beyond the pleasure principle (PFL, Vol. 11, pp. 269-338). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S (1991c) The economic problem of masochism. In S. Freud, *Pelican Freud Library*. (Vol. 11, pp. 409-427). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1991d). The ego and the id. In S. Freud, *Pelican Freud Library*. (Vol. 11, pp. 339-408). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1923)

- Freud, S (1991e). Negation. In S. Freud, *Pelican Freud Library*. (Vol. 11, pp. 435-442). London: Cox and Wyman. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (1995). *Projeto de uma psicologia*. (O. F. Gabbi Jr., trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).
- Green, A. (1967). Narcisismo primário: estrutura ou estado. In A. Green, *Narcisismo de vida, Narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.
- Green, A. (1990). *La Folie Privée*. Paris: Gallimard.
- Green, A. (2000). Le cadre Psychanalytique: son interiorization chez l'analyst et son application dans la pratique. In A. Green & Kernberg, *L'avenir d'une désillusion*. (pp. 11-46). Paris: PUF.
- Green, A (2010). *Illusions e désillusions do travail psychanalytique*. Paris: Odile Jacob.
- Meltzer, D. (1992). *The Claustrium: an investigation of claustrophobic phenomena*, Perthshire: Clunie Press.
- Winnicott, D. W. (1971). *Playing and Reality*. Harmondsworth: Penguin Books.

Daniel Delouya
Rua Capote Valente, 439/104
05409-001 São Paulo, SP
danieldelouya@gmail.com

